



DOI 10.30612/realizacao.v11i21.17962
ISSN: 2358-3401

Submetido em 27 de janeiro de 2024

Aceito em 26 de julho de 2024

Publicado em 27 de setembro de 2024

**SAÚDE MENTAL DE PESSOAS EM TRATAMENTO
ONCOLÓGICO ACOMPANHADAS POR UMA ASSOCIAÇÃO DE
APOIO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ACADÊMICOS DE
MEDICINA**

MENTAL HEALTH OF PEOPLE UNDERGOING ONCOLOGICAL
TREATMENT FOLLOWED-UP BY A SUPPORT ASSOCIATION: AN
EXPERIENCE REPORT BY MEDICINE STUDENTS

Camila de Vargas Rosset
Universidade Federal do Pampa
Nathally Neri dos Santos
Universidade Federal do Pampa
Elitiele Ortiz dos Santos*
Universidade Federal do Pampa

Resumo: O estudo tem por objetivo apresentar a experiência de acadêmicas do curso de Medicina durante as práticas de estágio realizadas em uma instituição de Apoio a Pessoas com Câncer de um município do Rio Grande do Sul. A experiência consiste em atividades práticas e de extensão vinculadas ao Componente Curricular de Saúde Coletiva do curso de Medicina de uma universidade do Rio Grande do Sul. A instituição tem características de uma casa, com acomodações para usuários que realizam tratamento oncológico e seus acompanhantes. As atividades foram realizadas no período de maio a junho de 2022. Durante as práticas, identificou-se a importância da humanização e da valorização das individualidades dos usuários promovida por meio da criação de vínculos, do estímulo à socialização e do desenvolvimento de atividades dinâmicas e criativas que promovem a saúde mental. Para a realização da atividade de extensão, utilizaram-se ferramentas da musicoterapia, a fim de proporcionar aos usuários momentos de descontração, diálogo e desconexão com a atmosfera pesada e limitante agregada ao diagnóstico e ao tratamento

*Autor para Correspondência: elitielesantos@unipampa.edu.br

do câncer. O presente trabalho evidenciou a importância do cuidado em saúde mental das pessoas em tratamento oncológico, sendo as atividades de socialização ferramentas que contribuem para a produção desse cuidado.

Palavras-chave: Medicina, neoplasias, saúde mental, socialização.

Abstract: The current study aims to introduce the experience of Medicine students during internship practices held at a Support Association for People with Cancer in a municipality of Rio Grande do Sul. This experience consists of practical and educational extension activities linked to the Curricular Component on Public Health I of the Medicine course at a university located on the Rio Grande do Sul. The institution has the internal characteristics of a house, for users undergoing oncological treatment and their caregivers. The activities were carried out from May to June, 2022. During participant observation, the importance of humanization and valuing the individualities of users, through the creation of bonds, the stimulation for socialization and the development of dynamic and creative activities, which promote the mental health. In order to carry out the extension activity, music therapy tools were used, with a view to providing users with moments of relaxation, conversation and, mainly, disconnection from the heavy and limiting atmosphere associated with the diagnosis and treatment of cancer. This work highlighted the importance of mental health care for people undergoing oncological treatment, with socialization activities being tools that contribute to the production of this care.

Keywords: Medicine, mental health, neoplasms, socialization.

INTRODUÇÃO

As doenças oncológicas são definidas como uma das maiores causas de óbitos no mundo, acometendo fatalmente cerca de 9,6 milhões de indivíduos no ano de 2018, caracterizando-se como uns dos maiores problemas de saúde pública e mais complexos a serem enfrentados, devido à sua magnitude epidemiológica, social e econômica (OPAS/OMS, 2020).

O diagnóstico de câncer carrega uma gama de sentimentos negativos e pessimistas que, aliados à falta de um prognóstico preciso, trazem incertezas e anseios tanto para o paciente e sua rede de apoio quanto para o profissional de saúde. Essa enfermidade, além de afetar as condições físicas, é responsável por transformar radicalmente os hábitos, e

vivências das pessoas acometidas. Além disso, com o diagnóstico, surgem novos sentimentos, dúvidas e preocupações que, se negligenciados, podem acarretar prejuízos a saúde mental do indivíduo e de seus cuidadores (TESTOM *et al.*, 2018).

Assim, é indispensável considerar o contexto psicossocial dos pacientes oncológicos e seus familiares, uma vez que o diagnóstico, assim como o tratamento quimioterápico e/ou radioterápico podem trazer inúmeras transformações na rotina e nas condições físicas, como alterações da imagem corporal, uma maior dependência de terceiros, limitações quanto à realização de atividades e tarefas, restrições alimentares e isolamento social. Essas mudanças podem culminar em sofrimento psicológico, evidenciado mediante os sintomas de depressão, ansiedade, manifestação de pensamentos de desesperança, sentimentos de medo, incerteza quanto ao futuro e insatisfação com a imagem corporal (ONCOGUIA, 2022). Ainda, em estudos recentes com pessoas em tratamento oncológico, identificou-se que cerca de 31% sofrem com ansiedade e cerca de 26% são acometidas pela depressão (FERREIRA *et al.*, 2019).

Nessa perspectiva, como estratégia de abordagem no cuidado aos pacientes oncológicos, considera-se importante o papel da rede social durante o tratamento, como a família, a comunidade, as instituições de apoio, e os serviços de saúde. O apoio social pode ser definido como o fornecimento de informações e o auxílio material por grupos e/ou pessoas, que estabelecem contatos sistemáticos com um indivíduo, resultando em efeitos emocionais e comportamentais positivos, sendo, portanto, uma troca na qual ambas as partes são beneficiadas. O ambiente social é fator de proteção na prevenção contra doenças e na manutenção da saúde e bem-estar quando oferece suporte e apoio. De outra forma, também pode-se afirmar que o suporte emocional ineficaz e a rede social insuficiente são preditores de sintomas depressivos durante o tratamento (DA SILVA *et al.*, 2020).

No âmbito dos serviços de saúde e instituições de apoio deve-se investir em estratégias de qualificação das equipes para o cuidado humanizado dos pacientes oncológicos com valorização da saúde mental, qualidade de vida, bem-estar e melhoria das abordagens em cuidados paliativos, uma vez que essa temática tem sido apontada como ineficiente na formação acadêmica (RIBEIRO, POLES, 2019).

Os profissionais médicos apresentam várias possibilidades de atuação nesse campo, sobretudo quando se objetiva melhorar a qualidade de vida desses pacientes (RIBEIRO, POLES, 2019). Uma das estratégias para a qualificação da atuação médica é o aprofundamento dessa temática na formação acadêmica em atividades curriculares de

ensino, pesquisa e extensão a fim de instrumentalizá-los para o cuidado integral que englobe a condição técnica e humana, bem como o respeito à dignidade do paciente e de seus familiares durante os diferentes momentos do tratamento (CORREIA *et al.*, 2018).

Assim, o presente relato tem por objetivo explorar a experiência de acadêmicas do curso de Medicina durante as práticas de estágio realizadas em uma instituição que acolhe pessoas com câncer de um município da fronteira oeste do Rio Grande do Sul. Esse trabalho se justifica pela necessidade de compartilhar informações e experiências acadêmicas no cuidado a pessoas com câncer, com enfoque no cuidado integral, considerando-as como seres humanos repletos de sentimentos, experiências e sensações que vão muito além da alteração biológica que ocorre em seus organismos.

MATERIAIS E MÉTODOS

O presente estudo é de caráter descritivo, onde será relatada a experiência de atividades desenvolvidas por estudantes do curso de Medicina, durante o estágio desenvolvido em uma associação que presta apoio para pessoas com câncer, localizada em um município do Rio Grande do Sul.

O relato de experiência configura-se como um importante produto científico na contemporaneidade, pois apresenta uma construção teórico-prática que se propõe ao refinamento de saberes sobre a experiência em si em um determinado contexto cultural e histórico, a partir do olhar do sujeito-pesquisador. Esse tipo de produto desdobra-se na busca de saberes inovadores (DALTRO; DE FARIA, 2019).

As atividades práticas são vinculadas ao componente curricular de Saúde Coletiva I, cursado no primeiro semestre do curso de Medicina de uma universidade pública do Rio Grande do Sul. São atividades práticas e de extensão universitária realizadas nos dispositivos da rede de cuidados do município, com grupos de aproximadamente cinco alunos orientados por um professor da universidade e por preceptores dos serviços. As atividades têm por objetivo proporcionar a articulação com os aspectos teóricos estudados no componente curricular como a integralidade do cuidado, a humanização da saúde, o acesso aos serviços de saúde, a equidade e a participação social.

A associação onde foi realizada a experiência presta apoio a pessoas com câncer desde 2013 e desde então já atendeu cerca de 1.072 pessoas. É uma entidade que não visa lucro, fundada por um grupo de voluntários que possuíam um contato frequente com

pacientes oncológicos e diagnosticaram a necessidade de ambientes de suporte, caracterizando-se como uma Organização da Sociedade Civil (OSC), que atende gratuitamente pessoas com diagnóstico de câncer em situação de vulnerabilidade social e pessoal.

A referida associação também está distribuída em outros 13 municípios do estado do Rio Grande do Sul, onde estão situados alguns dos principais centros de tratamento oncológico. A entidade já teve mais de 23.000 pessoas atendidas. No ano de 2022, contava com aproximadamente 4.589 usuários com cadastro ativo.

A associação conta com uma casa de apoio, que também é referência para pacientes de outros 11 municípios. Nessa casa, os cidadãos, usuários e familiares recebem todo auxílio estrutural e social durante o tratamento, tendo a sua disposição dormitórios, quatro refeições ao dia, atendimento psicológico e de serviço social, orientações nutricionais, atividades integrativas, grupos de apoio e demais ferramentas voltadas para a amenização dos efeitos do tratamento oncológico. É uma entidade que sobrevive por meio de doações. Por isso, apresenta muitos parceiros na comunidade e diferentes atividades para a arrecadação de recursos.

A instituição tem características internas de uma casa, com 24 acomodações para usuários e seus acompanhantes, além de cozinha e refeitório amplos, dispensa, sala de convivência, sala para Reiki, espaço para realização de grupos de apoio psicológico, oficinas terapêuticas e de geração de renda, sala para reuniões informativas para usuários e familiares e um pátio para o desenvolvimento de projetos sustentáveis e terapêuticos.

As atividades curriculares na referida instituição foram realizadas uma vez por semana no período de 5 de maio a 5 de junho de 2022, representando uma carga horária total de 20 horas, sendo que 10 horas foram de atividades de prática observacional e 10 horas foram de atividades de extensão. Durante a prática observacional, os estudantes puderam acompanhar a rotina do serviço, e participar das interações entre os usuários, como: as refeições em grupo, a roda de chimarrão no pátio, o momento de assistir televisão, separação de tampinhas, jogos de cartas, além de palestras e oficinas. Os acadêmicos também desenvolveram uma ação de extensão com o intuito de contribuir com a instituição a partir das necessidades e dos interesses da equipe e dos usuários.

A ação de extensão teve como foco a promoção do cuidado em saúde mental, e teve como público-alvo os usuários da instituição. Consistiu em uma atividade dinâmica, baseada no documentário chamado “Alive Inside” (MCDOUGALD, SCULLY & ROSSATO-BENNETT, 2014). As estratégias utilizadas foram: diálogo individual com

os usuários, seleção de músicas da preferência dos usuários e roda de conversa com a utilização de ferramentas da musicoterapia - momento no qual se explorou os pensamentos, memórias, e sentimentos dos usuários ao escutar as músicas. Participaram da atividade aproximadamente 12 usuários, 12 acompanhantes, uma assistente social, uma psicóloga e cinco acadêmicos da medicina.

A participação na ação de extensão ocorreu de forma voluntária, e o grupo de estudantes buscou adotar uma postura de escuta e acolhimento com respeito as histórias de vida e sentimentos expressados. A ação de extensão foi acompanhada pela psicóloga da instituição e pela assistente social responsável, especialmente como um apoio para o grupo em caso de algumas canções despertarem sentimentos de tristeza, havendo a necessidade de um acolhimento individual.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As atividades realizadas na associação acrescentaram benefícios tanto à formação profissional quanto à experiência pessoal dos discentes. Em um primeiro momento, ao se depararem com a expectativa da primeira prática de campo do curso de Medicina, os acadêmicos construíram diversos pensamentos sobre a temática que envolve o universo das pessoas que vivem com câncer. No entanto, durante a prática, foi possível perceber que a maioria dessas construções consistia em concepções equivocadas. Ao esperarem por um ambiente triste e com pouca participação dos usuários, houve a percepção de que a realidade da instituição era diferente, uma vez que o grupo foi recebido com acolhimento e disposição pelos usuários e seus acompanhantes, que se mostraram solícitos em contribuir para a formação acadêmica, mesmo aqueles que estavam enfrentando momentos difíceis do tratamento.

Na primeira interação com os usuários e com a casa de apoio, foi possível participar de uma ação de dia das mães organizada pela associação em parceria com estudantes voluntários a respeito do “cuidar de quem cuida”. A ação consistiu em uma palestra cujo objetivo foi sensibilizar acerca da importância de olhar para a saúde mental dos cuidadores dos pacientes oncológicos, valorizando seus sentimentos e angústias.

No senso comum, tem-se a ideia de que os sofrimentos e aflições dos cuidadores não possuem a mesma importância que os do paciente oncológico. Nesse contexto, cabe destacar que os familiares e cuidadores também estão passando por mudanças no seu cotidiano, com novas adaptações, dúvidas diante do tratamento e que, muitas vezes,

sentem-se sobrecarregados com os cuidados, necessitando de acolhimento e ações dos serviços sociais e de saúde (LINS *et al.*, 2021).

A palestra realizada auxiliou os familiares e acompanhantes a compreender que seus sentimentos são importantes e devem ser expressados. Além disso, a necessidade de buscar apoio de outras redes como familiares, rede social e profissionais da saúde para compartilhar as responsabilidades, angústias e cuidado do paciente. Para o grupo de estudantes da medicina, a palestra despertou maior sensibilização sobre a importância de direcionar as ações de cuidado para o cuidador, compreendendo que essa abordagem faz parte do cuidado integral.

No segundo contato, foi possível quebrar uma barreira de medo e insegurança que os usuários demonstraram com o grupo no primeiro dia. Para isso, os discentes buscaram realizar conversas individuais com os usuários e seus respectivos acompanhantes, a fim de conhecer melhor suas histórias de vida, e suas experiências na instituição, sem focar no diagnóstico da doença. Nos primeiros contatos, a maioria dos usuários se dirigia ao grupo de forma receosa e sucinta. Contudo, a estratégia de deixar a conversa ocorrer de forma espontânea, sem roteiros definidos, permitiu que eles se expressassem e abordassem o que sentissem confortáveis sobre a sua vida. Essa estratégia proporcionou momentos de escuta e de trocas entre o grupo e os usuários, o que permitiu aprendizagem para os discentes, pois o grupo conheceu inúmeras histórias de vida, de superação, de batalha e de dor, mas também histórias engraçadas do cotidiano dos usuários. Assim, foi possível conhecer mais sobre seus empregos, filhos, netos, cidade natal, tratamento, e, acima de tudo, a construção de vínculos com esses usuários.

Durante as conversas com os usuários, o grupo percebeu uma unanimidade de elogios referentes ao acolhimento na instituição, a maioria centrada no cuidado, no respeito e na atenção humanizada dos profissionais com os usuários. Esses relatos contrastam, mais uma vez, com as expectativas do grupo de que encontraria um ambiente menos acolhedor e mais centrado no modelo biomédico. Pelo contrário, percebeu-se que os profissionais responsáveis pela casa tratam os usuários como seres humanos fragilizados pela doença, mas sem minimizar seus gostos, sentimentos, anseios e desejos. Dessa forma, coloca-se em evidência a importância da construção de um vínculo entre os usuários e os profissionais na busca por um tratamento efetivo e humanizado (ANACLETO, 2020).

Observou-se ainda uma valorização dos sentimentos e sensações vivenciados pelos usuários e familiares, diferente do que, comumente, se observa na literatura sobre

alguns serviços, onde esses aspectos são negligenciados no tratamento e que contribuem para a incidência de transtornos psíquicos em pacientes oncológicos (FERREIRA *et al.*, 2019).

Assim, o trabalho realizado pela instituição proporcionou aos discentes a reflexão sobre o quanto fundamental é essa atenção voltada para a humanização do cuidado. A função primordial de casas de apoio é empregar o cuidado holístico e humano aos que nela se encontram para propiciar um bem-estar físico e emocional por meio de uma equipe multidisciplinar (FERREIRA *et al.*, 2015).

Para a realização da ação de extensão, os estudantes, em diálogo com os profissionais e usuários da associação, organizaram uma atividade dinâmica, a fim de proporcionar aos usuários momentos de descontração, diálogo e, principalmente, de desconexão com a atmosfera pesada e limitante agregada ao diagnóstico e ao tratamento do câncer, em consonância com a forma de trabalho já realizada pela associação.

A escolha da temática trabalhada na ação de extensão, ocorreu durante as atividades de observação, no processo de compreensão sobre o papel da casa de apoio para os usuários e acompanhantes. Percebeu-se que o tratamento oferecido pela instituição os auxilia em diferentes esferas da vida, desde o apoio material até o apoio aos aspectos sociais e psicológicos. Identificou-se a necessidade de um olhar especial para a saúde mental desses usuários, uma vez que eles enfrentam mudanças e desafios na sua vida e na rotina diante do diagnóstico do câncer e dos processos terapêuticos como a quimioterapia e radioterapia. Dessa forma, o grupo em diálogo com os profissionais elencou para a ação de extensão uma atividade voltada para a promoção do cuidado em saúde mental.

Para a realização da ação, o grupo se baseou em um documentário abordado no componente curricular de Introdução à Antropologia e Sociologia, do curso de Medicina, o qual se chama “Alive Inside” (MCDOUGALD, SCULLY & ROSSATO-BENNETT, 2014). Nessa produção, o assistente social Dan Cohen, através de seu contato com instituições de longa permanência de pessoas com doenças psíquicas, como Alzheimer e demência, introduz uma nova dinâmica de tratamento com os idosos, na qual Cohen busca conhecer a história de vida desses indivíduos e identificar as músicas que relembram momentos marcantes para eles, com o intuito de despertar sensações e sentimentos pouco valorizados no tratamento.

Os resultados da experiência de Cohen são surpreendentes, de modo que idosos que ficavam praticamente imóveis começam a iniciar movimentos de dança; pessoas que

não falavam mais passam a demonstrar tentativas para cantar músicas, explicitando, assim, a importância terapêutica da música em despertar sensações e sentimentos. Tendo em vista esses benefícios, o grupo optou por usufruir da música enquanto estratégia terapêutica para promover aos usuários um momento de descontração e reconexão com suas histórias, memórias e sentimentos.

Para a realização da ação de extensão, os discentes propuseram que os usuários escolhessem as músicas. Assim, o grupo utilizou-se de conversas individuais e informais com os usuários e seus acompanhantes, no intuito de conhecer suas histórias de vida, hobbies, interesses, trabalho e, principalmente, desenvolver uma aproximação com eles. No decorrer da conversa, abordou-se sobre as músicas de preferência, questionando-os sobre uma canção que lhes despertasse sentimentos ou alguma memória positiva, ou negativa.

No dia da ação de extensão, foi organizada uma roda de cadeiras no pátio e utilizada uma caixa de som para tocar as músicas previamente escolhidas pelos usuários. Também foi oferecido papéis em branco e canetas para aqueles que não haviam escolhido sua música nas conversas anteriores. Assim, munidos das canções escolhidas por pessoa e com o grupo acomodado confortavelmente em seus lugares, a dinâmica foi iniciada com uma breve apresentação do grupo e orientações sobre como funcionaria.

A dinâmica procederia em basicamente três etapas: 1) seria tocado um trecho de uma música aleatória dentre as escolhidas pelos participantes; 2) as pessoas deveriam tentar adivinhar qual participante da dinâmica havia escolhido a canção; 3) o usuário responsável pela escolha da música se apresentaria e, caso se sentisse confortável, poderia expor para o grupo o motivo pelo qual optou por determinada música e quais sentimentos a mesma lhe despertou.

Nas primeiras canções a serem reproduzidas, foi possível notar o grupo ainda recluso e receoso quanto à dinâmica. Contudo, a ideia de propor uma adivinhação de quem havia escolhido a canção auxiliou para descontrair e promover uma socialização mais efetiva. Ao longo da dinâmica, houve depoimentos diversos, de saudade, de felicidade, de alegria, de tristeza, de amor e outros vários sentimentos. Muitos escolheram canções gauchescas, já que grande parte do público era do interior do Rio Grande do Sul e de idade mais avançada, como Monarcas e Mano Lima, e também canções ecléticas, tendo artistas como Coldplay, Roberto Carlos, e Anavitória. Os motivos da escolha também foram diversos, alguns relembraram músicas da juventude, músicas de momentos felizes, e muitos deles tinham motivos específicos, como, por exemplo: uma

senhora que trouxe à tona fortes emoções ao escolher uma música que o filho, recém-falecido, cantava todos os dias para ela.

Além de promover uma oportunidade de relembrar, refletir e sentir, a ação proposta promoveu algo considerado essencial por inúmeros especialistas das áreas da saúde e da psicologia, que se refere à socialização e à inclusão dos participantes. O grupo de discentes buscou, por meio dessa atividade, trazer para os usuários um momento de descontração, mesmo que por alguns instantes, na tentativa de “reduzir” a bagagem atrelada ao tratamento oncológico e proporcionar um momento de felicidade com o despertar de diferentes sensações afetivas.

Algumas situações despertaram inseguranças coletivas no grupo, que se sentiu despreparado para lidar com o despertar de emoções e memórias que poderiam desencadear tristeza. Contudo, munidos do apoio da psicóloga da instituição e de um preparo prévio para lidar com essas situações, a dinâmica aconteceu sem gerar tensões, causando uma sensação de satisfação, apoio e aprendizado para os acadêmicos.

Por fim, a atividade contribuiu para compreender o quanto importante é um cuidado humanizado e voltado para a saúde mental, para a socialização e para a singularidade do paciente oncológico. Observou-se que foi possível promover momentos diferenciados daqueles relacionados às rotinas engessadas e restritas, das limitações e sentimentos negativos oriundos do diagnóstico de câncer.

Durante as práticas, também foi possível perceber que a abordagem da instituição se baseia na óptica de que todos somos seres sociais. Então a socialização é um dos pontos-chaves do cuidado realizado. A interação entre os usuários da instituição é fundamental nesse processo de cuidado físico e mental oferecido durante o tratamento. Muitos deles, ao chegarem à casa, se sentem receosos e com medo do tratamento e do que pode ocorrer no futuro. Porém, a comunicação e a identificação entre os usuários ajudam não só a diminuir esse medo, mas também a criar vínculos por meio da troca de vivências, o que os auxilia no tratamento (DOS SANTOS *et al.*, 2018).

Além disso, os usuários da instituição, muitas vezes, estão longe de suas casas e dos seus municípios. Logo, o convívio oferecido pela organização também é importante para conversarem e trocarem experiências sobre as inseguranças e as dificuldades que encontram por estarem em um município diferente do seu, com outros serviços e profissionais, de tal forma que possam amenizar o sofrimento em relação a essas preocupações.

A identificação que ocorre entre os usuários também é fundamental no cuidado, pois os funcionários, por mais que ajudem com as várias atividades realizadas na instituição, não conseguem trazer horizontalidade ao se relacionarem com os usuários. A interação entre os usuários proporciona o compartilhamento de experiências e sentimentos, o que torna as instituições com essas características mais acolhedoras quanto ao cuidado da saúde mental (DOS SANTOS *et al.*, 2018).

Na sociedade o cuidado em saúde mental as pessoas em tratamento oncológico é um desafio. Entre as situações desafiadoras está a pressão social de que todos devem estar bem a todo momento, independente das situações que estejam enfrentando. Também há a mudança de tratamento relacional que ocorre quando as pessoas descobrem que alguém tem câncer. Esses pontos destacados afetam os pacientes, porque, além de julgá-los como frágeis, requer deles um estado constante de felicidade e gratidão, o que não é algo natural do ser humano.

Nesse sentido, os espaços de convivência e de troca de experiências como a instituição visitada durante as práticas acadêmicas são importantes, pois valorizam a saúde mental desses indivíduos e os ajudam a passar por esse momento de dificuldade de uma maneira mais apoiada e compartilhada. Contudo, atualmente, o número de instituições que fazem esse trabalho cuidadoso com os usuários no sistema público é escasso no Brasil. Há uma necessidade de fortalecer a humanização da assistência, de uma melhor articulação entre os sistemas público, privado e informal de cuidados, das condições econômicas e técnico-assistenciais (SOARES, SANTOS, ARRUDA, 2017). Portanto, esses aspectos precisam ser considerados na organização dos serviços e de políticas públicas voltadas para a pessoa com câncer.

Além disso, no cuidado, é fundamental entender que todos os pacientes, apesar de receberem o mesmo diagnóstico, lidam de maneiras diferentes com essa informação. Foi possível observar durante a prática que cada um tem sua individualidade e a descoberta do câncer tem uma carga distinta, dependendo da subjetividade e da saúde mental de cada paciente, do contexto em que vive, da rede de apoio e do cuidado recebido pelos profissionais. Até mesmo em casos de reincidência do câncer, a pessoa pode reagir de maneira diferente de como ela reagiu em seu primeiro diagnóstico.

Nesse contexto, o profissional que vai cuidar dessas pessoas, seja no hospital ou em instituições de cuidado territorial, precisa considerar as individualidades, bem como acolher os sentimentos dos usuários, quer sejam positivos ou negativos, compreendendo esse acolhimento como fundamental no tratamento. Quando esse acolhimento não ocorre,

e o vínculo é frágil, constrói-se uma barreira no cuidado, impedindo, em alguns casos, a realização do tratamento oncológico da maneira correta e acompanhada (FREITAS *et al.*, 2022).

Com relação as instituições que acolhem esse público, essas podem contribuir para que o usuário e acompanhante compreenda o tratamento sob uma nova perspectiva. Para isso, devem ofertar acolhimento e diferenciadas atividades de socialização a fim de promover a ressignificação do tratamento e novas experiências, compreendendo que o diagnóstico de câncer não os impede de fazer coisas que lhe tragam prazer e felicidade, assim como foi vivenciado pelo grupo na instituição observada.

No componente de Saúde Coletiva I estudou-se que a saúde não é apenas a ausência de doença, uma vez que a pessoa pode não ter uma doença instalada, mas não se sentir com saúde. Essa percepção ocorre por diferentes razões, entre elas a exposição a vulnerabilidades sociais, econômicas como as dificuldades acesso a serviços de saúde e tratamento, acesso à moradia, transporte, trabalho e entre outras necessidades.

Entretanto, é possível refletir que, no caso das pessoas em tratamento oncológico, percebeu-se que saúde também se faz na presença da doença, quando a pessoa mesmo diante das vulnerabilidades acarretadas pelos sintomas da doença, ou mesmo pelos sintomas do tratamento quimioterápico e radioterápico encontra momentos promotores de saúde, seja pelo acolhimento, apoio material e psicológico as suas necessidades, espaços para compartilhar suas angústias, anseios, falar sobre si e também ser fonte de auxílio para outras pessoas.

É importante destacar que, no cuidado à pessoa com câncer, também se faz necessário uma equipe multidisciplinar que utilize ferramentas específicas na identificação das necessidades do seu público. Entre as ferramentas de abordagem há uma ferramenta canadense de controle e análise da saúde mental de paciente em tratamento quimioterápico e radioterápico chamado “Termômetro de Distress”. Essa ferramenta é nova no contexto nacional, mas já é realizada em países do exterior, utilizando questões breves preenchidas pelo próprio paciente ao comparecer em uma sessão de tratamento ou em uma consulta. Por meio dessas respostas, é capaz de prever uma escala de “distress”, estresse, ansiedade e depressão, proporcionando ao indivíduo, em escalas de risco de transtornos psíquicos, um acesso mais efetivo aos profissionais adequados. Além disso, a frequência de aplicações, permite acompanhar o desenvolvimento psicológico dos pacientes e identificar de forma precoce sinais de risco à saúde mental (MARQUES *et al.*, 2022).

Na oncologia, um dos ramos que carece de maior atenção é a psico-oncologia, requerendo mais pesquisas, trabalhos e discussões acerca do assunto. Contudo, observa-se nos meios científico, acadêmico e hospitalar a criação de grupos e instituições de apoio aos pacientes oncológicos que estimulam esse cuidado humano e social, bem como a realização de congressos específicos, a exemplo do Congresso Internacional de Psico-Oncologia, que em 2023 realizou sua segunda edição.

Além disso, também se considera importante a abordagem dessa temática em currículos da área da saúde, em atividades curriculares de ensino, pesquisa ou extensão, e não apenas em atividades extracurriculares. Esse enfoque na graduação, embasado em referenciais de cuidado humanizado, integral e interdisciplinar, poderá qualificar a atuação dos estudantes e futuros profissionais, desmistificando estigmas relacionados ao tema e ampliando o escopo das ações terapêuticas.

CONCLUSÃO

O presente trabalho evidenciou a importância das casas de apoio a pessoas em tratamento oncológico, com foco no cuidado biopsicossocial dos usuários e de seus acompanhantes. Além disso, o presente relato de experiência também reforça a importância da abordagem em saúde mental das pessoas em tratamento oncológico, sendo as atividades de socialização ferramentas que contribuem para a produção desse cuidado.

Durante a observação participante, identificou-se a importância da humanização e da valorização das individualidades dos usuários, promovida pelos profissionais, por meio da criação de vínculos, do estímulo à socialização e do desenvolvimento de atividades dinâmicas e criativas que promovem a saúde da mente e do corpo, dadas as limitações do diagnóstico oncológico. As características positivas observadas na instituição se devem, em grande parte, ao trabalho da equipe local no sentido de valorizar e apoiar o usuário desde o momento de entrada na casa até o fim do tratamento. Dessa forma, é de suma importância a discussão acerca da necessidade da valorização e do incentivo das instituições de apoio a pessoas com câncer, visto que essas assumem um papel fundamental na efetividade e na continuidade do tratamento oncológico.

Ao longo desse estudo, foi observado a falta de pesquisas que evidenciam a importância das referidas instituições no cuidado transversal do paciente e de sua família, contribuindo para a invisibilidade do papel que essas organizações exercem. Assim, o

grupo busca, por meio desse relato, contribuir para a sensibilização social acerca da importância de instituições e profissionais qualificados no tratamento multidisciplinar de pessoas com doenças oncológicas.

Para os acadêmicos de medicina a experiência contribuiu para complementar as aulas teóricas do componente de Saúde Coletiva I, sendo possível observar na prática elementos da integralidade, humanização do cuidado, e concepções relacionadas ao processo saúde e doença. Essa articulação entre a teoria e a prática possibilitou a construção de habilidades importantes para a formação acadêmica como a escuta, o diálogo, o trabalho em grupo, a reflexão, e a organização e execução de uma ação de extensão. Além disso, contribuiu para a compreensão da organização da rede assistencial local acessada pelos usuários em tratamento oncológico, as potencialidades e desafios, constituindo-se em informações importantes para compartilhar com outras equipes e usuários em práticas futuras.

Por fim, é importante observar que o presente trabalho se limita a uma única instituição de apoio e a um grupo restrito de usuários e acompanhantes, de maneira que os resultados obtidos por esse relato podem ser diferentes em outros contextos e outras instituições. O presente escrito busca, portanto, incentivar pesquisas que analisem uma gama maior de instituições de apoio a pessoas com câncer nos níveis regional e nacional. Essa ampliação busca fomentar o trabalho dessas organizações e, também, estratégias de socialização e da aplicabilidade de atividades lúdicas e recreativas, como o uso da música, na prevenção de transtornos psíquicos e na manutenção do bem-estar.

REFERÊNCIAS

ANACLETO, G.; CECCHETTO, H. F.; RIEGEL F. Cuidado de enfermagem humanizado ao paciente oncológico: revisão integrativa. *Revista Enfermagem Contemporânea*, v. 9, n. 2, p. 246-254, 2020. <https://doi.org/10.17267/2317-3378rec.v9i2.2737>

CORREIA, D. S.; BEZERRA, M. E. da S. B.; LUCENA, T. S. de L. et al. (2018). Cuidados Paliativos: Importância do Tema para Discentes de Graduação em Medicina. *Rev. bras. educ. med.* v. 42, n. (3), p. 1-11, 2018. <https://doi.org/10.1590/1981-52712015v42n3RB20170105.r1>

DALTRO, M. R.; FARIA, A. A. de. Relato de experiência: Uma narrativa científica na pós-modernidade. **Estudos e Pesquisas em Psicologia.** v. 10, n. 1, p.223-237, 2019. <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/43015/29664>

Da SILVA, G. S.; NUNES, S. dos S.; ZANON, B. P.; et al. O apoio familiar no tratamento do paciente oncológico: uma revisão narrativa. **Revista da Saúde da Sajes.** v. 6, n. 12, p.46-58. 2020. <https://www.revista.ajes.edu.br/index.php/sajes/article/view/371>

Dos SANTOS, J. A.; SIMÕES, I. A. R.; PEREIRA, M. I. M. Convivência entre pacientes com câncer em uma casa de apoio. **Ciência & Saúde.** v. 11, n. 1, p. 20-24, 2018. <https://doi.org/10.15448/1983-652X.2018.1.27278>

FERREIRA, A. S.; BICALHO, B. P.; NEVES, LUIZA F. G.; et al. Prevalência de Ansiedade e Depressão em Pacientes Oncológicos e Identificação de Variáveis Predisponentes. **Revista Brasileira De Cancerologia.** v. 62, n. 4, p. 321–328, 2019. <https://doi.org/10.32635/2176-9745.RBC.2016v62n4.159>

FERREIRA, P. C.; WAKIUCHI, J.; BALDISSERA, V. D. A.; et al. Sentimentos existenciais expressos por usuários da casa de apoio para pessoas com câncer. **Escola Anna Nery**, v. 19, n. 1, p. 66–72, 2015. <https://doi.org/10.5935/1414-8145.20150009>

FREITAS, R.; OLIVEIRA, L. C. de; MENDES, G. L. Q. M., et al. Barreiras para o encaminhamento para o cuidado paliativo exclusivo: a percepção do oncologista. **Saúde Debate**, v. 46, n. 133, p. 331-345, 2022. <https://doi.org/10.1590/0103-1104202213306>

LINS, A. L. R.; MENDONÇA, E. T. de; MOREIRA, T. R.; et al. Necessidades de cuidado no âmbito hospitalar do cuidador de pessoas com câncer. **Rev Cuidarte.** vol.12, n.2, p.1-12, 2021. <https://doi.org/10.15649/cuidarte.1231>

MARQUES, D. C.; COSTA, C. C. P. da; ASSAD, L. G.; et al. Avaliação do nível de distress em pacientes oncológicos atendidos em um ambulatório de quimioterapia. **Global Academic Nursing Journal**, v. 3, n.4, p. 1-7, 2022. <https://doi.org/10.5935/2675-5602.20200305>

ROSSATO-BENNETT, M. **Alive Inside.** 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=x9IHUPamCB4>

ONCOGUIA. **Emoções e Câncer.** 2022. <http://www.oncoguia.org.br/conteudo/emocoes-e-cancer/15946/1318/>

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE (OPAS/OMS). (2020, outubro). **Câncer.** <https://www.paho.org/pt/topicos/cancer>

RIBEIRO, J. R.; POLES, K. Cuidados Paliativos: Prática dos Médicos da Estratégia Saúde da Família. **Rev. bras. educ. med.** v. 4, n. 3, p: 1-11, 2019. <https://doi.org/10.1590/1981-52712015v43n3RB20180172>

SOARES, D. A.; SANTOS, E. M. dos; ARRUDA, I. S. Itinerários terapêuticos de pessoas com câncer: produção científica no Brasil. **Rev. APS.** v. 20, n.1, p: 118 – 129, 2017.

TESTON, E. F.; FUKUMORI, E. F. C.; BENEDETTI, G. M. dos S.; et al. Sentimentos e dificuldades vivenciadas por pacientes oncológicos ao longo dos itinerários diagnóstico e terapêutico. **Esc. Anna Nery**, v. 22, n. 4, p.1-8, 2018. <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2018-0017>